

Sawe!

Nativx, imigradx, fugidx, isoladx, reprimidx, vivx! Convidamos você a se ver! A se entender!

Preparamos três dias de filmes para Pipa para refletir sobre as questões que mais nos atingem, as imagens que marcaram o nosso passado e que podem (e vão :) despertar nosso futuro.

A cultura do zambê, do dançar o côco, a casa de farinha, as poesias, os causos, o quilombo, o pescado, a imagética walfraniana, a poesia cionítica, a troca, o orgânico, x índix, viver em meio a magalópole cultural do mundo e a Praça do “turismo”, como no instigante conflito entre mais velhos e crianças, drogas, cultura desfalecida, megaempreendimentos.

Como acomodar desejos deste baixio?

....

A programação da Semana seguiu o percurso abaixo:

SEGUNDA@UFRN
Mundurukânia, na Beira da História
Resistência ancestral

QUARTA@Hostel Cultural
PROBLEMATICAS DECIDIDAS COLETIVAMENTE:
CANNABIS SATIVA, ÁGUA, DIREITOS HUMANOS

QUINTA@Praça
PIPA POR ELA MESMA
Mostra de filmes produzidos localmente sobre Pipa
Filmes de Capoeira e Zambê

SEXTA@Praça
NATIVO, NATURAL, ORGÂNICO



Sejamos luta, luta pela paz!

Acreditamos nas forças das
imagens, do conjurar
coletivo!

São nossas palavras, nossos
atos mais dignos desde (El)
Cineclubes libertário!

Participe!



- Soberania Audiovisual -

O audiovisual é uma ferramenta potente de produção de memória coletiva, por isso na Semana Pela Soberania Audiovisual damos destaque para filmes que não circulam nos grandes festivais ou emissoras, seja por sua 'condição' técnica e financeira, seja por sua proposta política. Filmes realizados no contexto de resistências populares, organizações comunitárias, coletivos independentes, com diversos tipos de câmera e narrativas, que utilizam a linguagem do audiovisual para fortalecer suas comunidades e despertar consciência coletiva para as violações decorrentes do atual modelo "desenvolvimentista".-

- Na Pipa -

Surgido a convite do coletivo da Semana pela Soberania Audiovisual do Rio de Janeiro, e como já desenvolvemos ações em audiovisual com crianças na cidade de Pipa, aceitamos o convite de se fazer de forma colaborativa, reconhecendo a importância do audiovisual na formação crítica das pessoas e partindo de uma demanda da cidade de Pipa de ocupar o espaço público da Praça do Pescador com arte.



Semana pela Soberania Audiovisual Rio Grande do Norte

A Semana pela Soberania Audiovisual foi um encontro latino-americano independente para a troca de experiências e vivências audiovisuais sob temas como a luta por território, identidade e autonomias.

É uma mostra multi localizada que se realiza através de um esforço coletivo em vários países. No ano de 2015 ela foi realizada em 9 países da América Latina e Caribe. Em setembro na Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, México e Peru e em novembro no Brasil e no Equador; com o propósito de tecer uma rede latino-americana, compartilhar olhares diversos, alcançar maior acesso ao cinema em bairros periféricos e zonas rurais e (nos) oferecer alternativas a exibição e difusão convencional, que promovam a circulação de conteúdos alternativos e inter culturais, a partir da criação de espaços de reflexão e diálogo.

É um espaço que combina distintas linguagens, plataformas e materiais que giram ao redor da linguagem audiovisual e cinematográfica, convoca obras de todas as procedências, enfatizando realizações comunitárias urbanas, rurais e produzidas pelos povos originários da América Latina que projetam uma imagem própria, a todas as visões que não encontram espaço na rede de distribuição e exibição comercial.



O objetivo foi o de fortalecer a identidade, revelar seus personagens, ampliar os sentidos, por a diálogo linguagem e temas que estão fora do circuito comercial, assim como fomentar novos registros e histórias de resistência.

Por uma Pipa digna, de arte e liberdade!

A todos e todas que se doaram prá esse projeto acontecer...

Cinema e Liberdade!

@UFRN, Relato dia 1

Assistimos a um filme em produção de Rogerio Marques "Aldeia Katu" sobre a comunidade do Catu, uma entrevista com o cacique Luis que conta como a comunidade desceu do encontro com o mar do rio Catu até seu vale, do outro lado da BR em Goianinha, como a luta pela demarcação do território persiste sem resolução. Reforçou que o que querem é ter instrumentos para continuar vivendo de seu modo tradicional, plantando o que come e com suas danças vivas.

Segundo o Professor Rômulo os pontos de intersecção da cultura negra e indígena potiguar são muitos. Como a bebedeira da Jurema, uma cultura indígena hoje associada a negra. Mas que assim como o Toré ao som do tambor que vimos no Catu, também insinua as raízes africanas desse despertar indígena potiguar.

"Mundurukânia, na beira da história" mostra a trajetória hoje dos índixs Munduruku em seus territórios a oeste do Pará na Amazônia e que vêm sofrendo uma pressão imensa para dar lugar ao projeto de hidrelétricas chamado "Complexo Tapajós". O alagamento cobriria seus lugares sagrados, seus modos de viver do rio e da terra, sua memória coletiva mantida através da arte, da oralidade, de artefatos abaixo da terra de mais de 13 mil anos com desenhos contidos nas pinturas que utilizam até hoje em seus corpos, em forma de losangos.



Além do enorme universo da arqueologia amazônica que trata o filme, ele também toca numa questão importante que é a que o modelo indígena tradicional não é um modelo de passado, primitivo e sim um modelo de futuro, sem estado e horizontal aonde a cultura e a natureza é preservada e mantida através de gerações. Esse "terror" a todo tipo de dinâmica coletiva sem a mediação de um poder constituído por fora e por eles seria uma das coisas que mais apavoraria o estado criando essa sanha "desenvolvimentista" para simultaneamente apagar a história originária e implantar seu modelo todavia colonial. Mundurukânia acaba deixando para nós a questão: como seria o futuro da região, daqui a mil anos, com a presença das hidrelétricas?

Vamos continuar a permitir tamanha insensatez? A recente tragédia das empresas SAMARCO e a contaminação permanente do Rio Doce, a extinção de centenas de espécies animais, assim como vidas humanas, é a prova de que nenhum minério ou projeto desenvolvimentista Vale! A água do local atingido não tem mais utilidade nenhuma, sendo imprópria para irrigação e consumo animal e humano.

O filme mostra a arqueologia amazônica como uma forma de equilíbrio, uma possível "contadora de histórias longas" que ao criarem essa narrativa com o passado, entram em disputa com o presente. Abre novos campos de luta pela questão indígena.

E de fato o mesmo acontece aqui no Rio Grande do Norte, peças arqueológicas são achadas por todos os cantos casualmente como revelou Rômulo, descrevendo como acharam uma Modea Real em um canavial, uma espada de prata, como existem sítios arqueológicos inteiros atravessados por canaviais. O vale do Catu mesmo seria "uma ilha em meio ao imenso canavial", referindo-se à cana para biocombustíveis da Usina Estivas (Louis Dreyfuss commodities), que também emprega praticamente todos os homens da Aldeia Katu, levados num ônibus pela manhã, voltando exaustos para suas casas ao fim do dia.

Ainda segundo o pesquisador, o Latifúndio seria o maior problema dos índios da região. Já uma outra dinâmica foi retratada com um grupo de pessoas do Apodi que vieram falar de como suas comunidades tradicionais, que também estão em processo de reconhecimento, haviam entrado em postos do governo etc e de como isso teria "melhorado" sua situação atual lembrando que conseguiram construir um Museu da região. Aos poucos reconstróem sua mitologia originária com a história da índia tapuia Luísa Cantofa.



O modo de se viver de tantas pessoas não se pode apagar, ser destruído por uma enxurrada de lama, principalmente quando este decrescer seja talvez nossa única possibilidade de futuro. Nós seríamos xs novxs índixs, aqueles que não podem mais voltar a viver na floresta, mas que podem sim contruir modelos inter-cooperativos entre cultura e natureza de uma forma permanente e respeitosa. Decrescimento ou barbárie!

Este é o endereço para assinar a petição dos índios Munduruku. Daje Kapap Eipi (Sawre Muybu) é território tradicional: todo apoio à autodemarcação do povo Munduruku! <http://www.peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR85746>

@Pipa, relato dia 4

Abrimos a Semana na Praça com filmes sobre Pipa, gravados localmente, muitos arquivos de 7, 8 anos atrás como da TV Pipa. Só não vimos imagens de 89 por não possuir equipamento adequado!

Talvez a longa duração dos filmes tenha prejudicado um pouco a Roda de Conversa que acabou acontecendo informalmente depois das exibições, em número bem pequeno, 1 e máximo 6 pessoas. A importância da apropriação do diálogo deve ser sempre reforçada pois muitas vezes estamos passando por uma simulação imagética mas esta deve ser destronada, não pode ser simplesmente consumo, substituída pela interação entre as pessoas, **produssumo** é necessário! (conceito de Décio Pignataro) tornamo-nos produtores de conteúdo também.

Foram dois vídeo mais embalados pelos nativos: "Pipa em praia e poesia" e o episódio da TV Pipa sobre o Côco de Zambê. É importante frisar que o Zambê local se fez presente na Pipa na Escola Vicência Castelo no Dia da Consciência Negra, assim como em Sibaúma com os Quilombolas. O Zambê de Pipa, há 8 anos atrás, exibido na Praça, e os toques de seus herdeiros na escola ecoaram por toda a região: Zambê da Pipa vive!

Além dos filmes sobre Pipa vimos os filmes de Walfran Guedes um pouco da imagética da região, com seus barros, toques, poesia e subversão! Faltou o teaser de seu longa, e um papo com o diretor!

A Capoeira em Pipa é hoje uma das culturas mais praticadas (prá não dizer a mais), e se destacou na programação com alguns curtas e o longa do primeiro dia de exibição na Praça. Acabou atraindo os turistas, visitantes, poucos capoeiristas (uma pena). "Jogo de Corpo" mostrou a trajetória decolonial de Mestre Cobra Mansa em busca das raízes da Capoeira, em Angola, na África. Vimos também "Permangola" que mostra um pouco da convergência entre a Permacultura e a Capoeira Angola que acontece na Bahia, assim como uma experiência de luta pelo território pela prática da destruição de eucaliptos e produção da agroecologia no Quilombo Sapê do Norte no Espírito Santo "Sementes de Angelim".

Terminamos a noite com uma Jam como diz a apresentadora Civone "super ensaiada" com músicos locais.



@Pipa, relato dia 5

O dia de sexta começou mais cedo com a "Feira de Orgânicos" seguida da apresentação de dança do Espaço Tantra, um rápido setlist de músicas até a noite começar para iniciar a projeção de filmes.

Os filmes de sexta iniciaram com duas animações "Avó Grilo" e "Partir" uma que fala sobre a questão da água e outra sobre a mudança do campo para a cidade com a cegada dos transgênicos, "Juntos podemos esfriar o planeta" sobre soberania alimentar e um curta chamado "Estrondo" sobre o processo de Vila de Ponta Negra em Natal, de como partiram da cultura da pesca e comércio informal ao que existe hoje com empresários e turistas de todo canto, uma reflexão necessária sobre o futuro que queremos de Pipa.

Antes do longa exibimos dois curtas sobre os Potiguaras do Vale do Catu aqui ao lado em Goianinha aonde falaram de sua eterna luta por território, uma "ilha em meio ao canal" como descreveu o professor Rômulo Angélico na exibição de Natal. O longa da noite foi Mundurukânia que atraiu um grupo diverso de pessoas, locais, turistas, muitos brasileiros. Muitos não faziam nem idéia das coisas que ocorriam no próprio país, nem muito menos a existência de uma comunidade indígena tão próxima, nem nunca questionaram o próprio fato de ser indígena, ou praticante de alguma indianeidade como a troca, o mutirão, o roçado, a pesca.

Um momento bem especial ali bem na Praça :)

Esperamos voltar em breve!

